

Mercosul e UE anunciam acordo comercial histórico

25 ANOS DE NEGOCIAÇÕES

MOMENTO HISTÓRICO

Além do comércio, acordo Mercosul-UE ajudará a atrair investimentos

ALICE CRAVO, GLAUCIE CAVALCANTI E JOÃO SORMANI NETO alices@oglobo.com.br glaucie@oglobo.com.br joaos@oglobo.com.br

O acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia (UE) foi oficializado ontem, coroados 25 anos de negociações. O anúncio foi feito em Montevideu, na cúpula de chefes de Estado do Mercosul, pela presidente da Comissão Europeia (o braço executivo da UE), que disse tratar-se de momento histórico. São mais de 700 milhões de pessoas e um PIB agregado de US\$ 22,3 trilhões, cerca de um quarto do PIB global. Analistas ouvidos pelo GLOBO avaliam que os efeitos práticos no comércio vão demorar, mas o acordo dá importante chance para as exportações brasileiras.

— Este é um bom dia para o Mercosul, a Europa e um momento histórico para o nosso futuro compartilhado. Toda uma geração dedicou esforço para fazer esse acordo realidade. Agora é a nossa vez de honrar esse legado. Vamos garantir que esse acordo produza tudo que promete e ajude realmente as gerações futuras — disse Von der Leyen.

— Estamos enviando uma mensagem clara e poderosa para o mundo. Demonstramos que as democracias podem se apoiar mutuamente. Esse tipo de acordo não é apenas uma oportunidade econômica, mas uma oportunidade política.

'CREDENCIAIS AMBIENTAIS'

A presidente da Comissão Europeia destacou ainda o valor do acordo para o meio ambiente, afirmando que ele "reflete nossos valores e o compromisso com a ação climática".

Lula, por sua vez, ressaltou que o Brasil preservou seus interesses no acordo:

— Conseguimos preservar nossos interesses em compras governamentais, o que nos permitirá implementar políticas públicas em áreas como saúde, agricultura familiar, ciência e tecnologia. Alongamos um calendário de abertura do nosso mercado automotivo, resguardando a capacidade de fomento do setor industrial. Estamos assegurando novos mercados para nossas exportações e fortalecendo fluxo de investimento.

Ele disse ainda que o acordo "reconhece as credenciais ambientais" do Mercosul:

— Após dois anos de intensas tratativas, temos hoje um texto moderno e equilibrado, que reconhece as credenciais ambientais do Mercosul e

reforça nosso compromisso com os acordos de Paris.

Em nota conjunta, os líderes do Mercosul afirmaram que houve um "intenso processo de negociações para ajustar o acordo aos desafios atuais enfrentados nos níveis nacionais, regionais e global".

Os efeitos comerciais práticos, porém, vão demorar a ser sentidos. Para Marcos Jank, professor sênior de agronegócio global do Insper, a principal vantagem será a chance de exportador de qualidade.

— O acesso que conseguimos é por meio de cotas adicionais (de exportação), então não vamos esperar fazer volume. Mas vai trazer uma vitrine, um passaporte. É a primeira vez que temos a integração de dois grandes blocos. E a União Europeia também poderá trazer mais disciplina ao

Q "Este é um bom dia para o Mercosul, a Europa e um momento histórico para o nosso futuro compartilhado"

— Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia

"Estamos assegurando novos mercados para nossas exportações e fortalecendo fluxo de investimento"

— Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil



Bloco. Ursula von der Leyen, entre Michel Barnier, Lula e Santiago Peña: "Demonstramos que as democracias podem se apoiar mutuamente"

Mercosul — disse Jank. — Lá atrás, o Brasil se protegeu e, em muitos setores, ficamos para trás em preço e qualidade. Com essa integração, participaremos de cadeias globais de suprimentos e comércio.

José Velloso, presidente executivo da Associação Brasileira de Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), também aponta essa chance como benefício:

— Uma empresa que ganha o selo da Comissão Europeia exporta para qualquer lugar do mundo, porque é o requisito mais difícil. Se o Brasil substituir produto que a Europa compra de outro país, podemos puxar investimentos.

Segundo estudo do Ipea, o Brasil seria o país mais beneficiado pelo acordo. Entre 2024 e 2040, o entendimento entre os blocos geraria crescimento

de 0,46% no PIB brasileiro, mais do que a UE (0,06%) e os demais países do Mercosul (0,2%). Em nota, citando o Ipea, a Firjan diz que o acordo deve elevar investimentos estrangeiros no Brasil em 1,5%.

Para Fernando Pimentel, presidente da Associação Brasileira de Indústria Têxtil (Abit), o acordo abre a porta para a captação de investimentos. Ele resalta que a indústria têxtil da Europa tem porte similar ao da nossa, mas futura de três a quatro vezes mais, graças ao valor agregado.

— Temos descarbonização, energia limpa, mercado interno. E o acordo abre espaço para que investidores asiáticos, por exemplo, queiram se estabelecer e produzir aqui para chegar ao mercado europeu — disse Pimentel. — O acordo já orienta o futuro, faz as empre-

sas pensarem estrategicamente em dez a 15 anos adiante.

No agro, o Brasil vai se beneficiar com o crescimento das exportações de carnes, oleaginosas, açúcar e etanol, e suco de laranja. Mas o impacto de demanda será limitado, porque a UE manterá cotas para esses produtos, a fim de proteger o agronegócio local, diz Leandro Giglio, pesquisador do Insper Agro Global:

— O agro se beneficia, mas as exportações de carne bovina, por exemplo, para a UE ainda enfrentam severas restrições, sobretudo devido às cotas tarifárias.

Giglio lembra que Mercosul e UE são formados por países com características bem protecionistas. Então, o meio termo para o acordo foi um texto mais "desidratado".

Para o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Ricardo Santin, a ampliação das cotas de exportação do Mercosul para a UE — 180 mil toneladas de carne de frango, 25 mil toneladas de carne suína e 3 mil toneladas de ovos, com tarifa zero — vai beneficiar o Brasil, maior produtor da região.

— O ideal seria sem cotas, mas acordar sobre mais mercado para o Brasil — disse Santin, para quem o país deve ficar com "cerca de 80%" das cotas.

CADEIAS GLOBAIS

No caso de serviços, Marco Stefanini, CEO do Grupo Stefanini, multinacional brasileira de tecnologia presente em 19 países europeus, avalia que, no momento em que o mundo está dando marcha à ré na globalização, o acordo traz ganhos:

— Obriga o Brasil a ter sistema de tarifas e impostos menos desalinhado com o restante do mundo. É oportunidade de se adaptar às regras em cadeias globais.

José Augusto de Castro, presidente executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), destacou o impacto positivo na imagem dos serviços e produtos do país:

— Passamos a ser mais confiáveis aos olhos do mundo.

Já a ministra do Comércio Exterior da França, Sophie Primas, disse à agência AFP que o acordo "não é o fim da história". O país tenta formar uma "minoria de bloqueio" contra o acordo na Comissão Europeia, onde é necessária a adesão de ao menos 15 Estados-membros, que representam 65% da população do bloco. No Parlamento Europeu, basta maioria simples. (Colaborou Renan Setti)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 15